

# HISTÓRIA DE MARICOTA

Autor: Casimiro Cunha - Psicografia Chico Xavier

## I - MARICOTA SERELEPE

Maricota Serelepe  
Era menina travessa...  
Não havia disciplina  
Que lhe dobrasse a cabeça.

Gostava de más respostas.  
Na escola, em casa, nas ruas,  
Vivia desordenada  
A fazer sempre das suas.

Em vão, ganhava conselhos  
Dos amigos para o bem.  
Maricota Serelepe  
Não atendia a ninguém.

Não era apenas sapeca:  
Fugia a qualquer dever.  
Vivia a brutalidade,  
Fazia o mal por prazer.

## II - MALCRIADA

A mamãe aconselhava:  
- Minha filha, veja lá!  
Céu castiga a menina  
Que se faz grosseira e má.

A pequena respondia:  
- A senhora nada sabe.  
Concluindo num cochicho:  
- Gente velha que se acabe.

A professora também  
Lhe falava, com carinho:  
- Maricota, minha filha,  
Não saia do bom caminho!

A aluna desrespeitosa  
Dizia, cabeça tonta:  
- O que eu fizer, professora,  
Não será de sua conta...

## III - INDISCIPLINADA

Aos onze anos bem-feitos,  
Agindo e vivendo às cegas,  
A menina endiabrada  
Era o terror dos colegas.

Desprezava os bons avisos.  
Por mais se lhe castigasse,  
Resistia às punições,  
Perturbando toda a classe.

Rasgava livros, cadernos,  
Esvaziava tinteiros,  
Lançando borrões escuros  
À roupa dos companheiros.

Tanto fez, tanto saltou  
A endiabrada menina,  
Que foi expulsa, mais tarde,  
Em favor da disciplina.

#### **IV - VADIA**

Desde então, ficou sabendo  
A vadiagem de cor;  
Sem conselhos e sem livros,  
Ficou pior, bem pior ....

Dizia, à mamãe bondosa,  
Que prosseguia a estudar,  
Mas punha-se, em plena rua,  
A mentir e perturbar.

Não lhe chegavam agora  
As horas grandes do dia.  
Depois de fechada a noite,  
A endiabrada fugia...

Aprendeu na malandragem  
O furto, o assovio, a vaia;  
Em breve tempo, encontrou  
Meninos de sua laia.

#### **V - PREGUIÇOSA**

Escapulindo ao trabalho,  
Expulsa dos bens da escola,  
Fazia-se pobrezinha,  
Saindo a pedir esmola.

Enganava os transeuntes,  
Prendendo-lhes a atenção;  
Xingava o trabalho sério  
E tinha horror ao sabão.

Como o pássaro ocioso,  
Que a todo dia se atrasa,  
Maricota Serelepe  
Raramente vinha a casa.

A mãe bondosa rogava  
Mais cautela, mais juízo,  
Mas a menina exclamava:  
- De conselhos não preciso!

## **VI - MALDOSA**

Atacava os cães amigos  
A vozerio e pancadas;  
Tratava todo gatinho  
A brasa viva ou pedradas.

Se avistava a palha seca  
Da casa dos passarinhos,  
Não hesitava um minuto:  
Vibrava golpes nos ninhos.

Matava filhotes tenros  
Com grosseria sem-nome;  
Prendia as aves canoras,  
Exterminando-as à fome.

Se passava no terreiro,  
A galinhada fugia,  
Sabendo que Maricota  
Vibrava pancadaria.

## **VII - DESVIADA**

De rua em rua, a esconder-se,  
A menina, a passo curto,  
Era um demônio pequeno,  
Exercitado no furto.

Varando portas estreitas,  
Pulando grandes janelas,  
Sabia correr dos guardas  
E burlar as sentinelas.

Espreitava nas quitandas  
O instante exato das vendas,  
Para assaltar os meninos  
Carregados de encomendas.

Fosse qual fosse o momento,  
Horas claras ou sombrias,  
Roubava doces, brinquedos,  
De lojas e padarias.

### **VIII - MORTA**

Um dia, furtando jóias,  
Maricota teve a mão,  
Que se agitava com pressa,  
Mordida de escorpião.

Era o castigo afinal,  
À maldade, à rebeldia;  
Maricota Serelepe  
Caiu em breve agonia.

Pilhada por delinqüente,  
A menina envenenada  
Foi conduzida ao socorro,  
Deprimida, envergonhada.

Não lhe valeu, todavia,  
O tratamento mais forte...  
Fim do dia doloroso,  
Em ânsias, rendeu-se à morte.

### **IX - AFLITA**

Distante do corpo frio,  
Maricota, sem repouso,  
Notou que a morte era um anjo  
De olhar terno e carinhoso...

Ajoelhou-se a coitada,  
Chorou e pediu assim:  
— Mensageiro da Bondade,  
Compadece-te de mim!...

— Minha filha — disse ele —,  
Desejava auxiliar-te,  
Mas, há monstros que te buscam,  
Chegando de toda a parte.

Depois de um minuto longo,  
Afirmou, cheio de dor:  
— Ah! filha, repara em torno,  
Pede o perdão do Senhor.

### **X - CASTIGADA**

Maricota não mais viu  
A luz do emissário santo;  
Olhando em redor gritava,  
Tomada de enorme espanto.

Buscava correr em vão...  
Oh! não, não queria ouvi-los!  
Eram serpentes, dragões,  
Lagartos e crocodilos.

Os monstros, porém, chegavam...  
Um deles, grande inimigo,  
Disse a ela: — "Maricota,  
Agora estamos contigo.

Somos filhos da maldade  
— Prosseguiu forte e iracundo -,  
Do furto e da vadiagem  
Que procuravas no mundo".

### **XI - ATORMENTADA**

- Deixem-me, monstros! - pedia  
A Pobrezinha, a chorar;  
Mas os lagartos e as cobras  
Puseram-se a gargalhar.

- Deixá-la? - disse o maior -  
Teu pedido não nos vence,  
Tua vida, Maricota,  
Desde muito, nos pertence.

Ajudamos-te a roubar,  
A vadiar, a fingir...  
Agora, és nossa, bem nossa,  
Não podes escapulir.

- Oh! que horror! - disse a infeliz.  
Ninguém para consolá-la!...  
Pôs-se, lívida, a correr  
E os monstros a acompanhá-la...

## **XII - SUPLICANTE**

Longos dias, longas noites,  
Maricota, em aflição,  
Atravessou negros vales,  
Gritando e chorando em vão.

Precipitou-se em abismos,  
Sem esperança e sem paz,  
Clamava, seguindo à frente,  
E os monstros seguindo atrás...

Sentiu sede, sentiu fome,  
Na jornada em correria...  
Quanto tempo a padecer?  
Maricota não sabia...

Depois de muita oração,  
Na angústia do cativoiro,  
Jesus, o Divino Amigo,  
Enviou-lhe um mensageiro.

## **XIII - ANSIOSA**

Tão logo veio o emissário  
De socorro e salvação,  
Os monstros, espavoridos,  
Mudaram de direção.

A menina, arrependida,  
Ajoelhou-se, entre ais,  
E exclamou: Anjo Divino,  
Socorro! não posso mais!...

Tenho chorado e sofrido,  
Atormentada de dor.  
Por piedade! Salvai-me!  
Dai-me o Céu do Deus de Amor!...

Fitando, de olhar dorido,  
O azul e estrelado véu,  
Suplicava compungida:  
- Dai-me a luz da paz do Céu!...

## **XIV - AMPARADA**

O Anjo amoroso afagou-a,  
Dizendo com caridade:  
- Em nome da Providência,  
Devolvo- te a liberdade.

Mas, ouve, minha menina:  
Se queres luz, agasalho,  
Não podes entrar no Céu,  
Sem a bênção do trabalho.

Viveste pela maldade,  
Sem respeito, sem carinho,  
Não ouviste os bons conselhos,  
Fugiste do bom caminho.

Aceitas a corrigenda  
Do Pai bondoso e perfeito?  
Maricota, ajoelhada,  
Em pranto, exclamou: Aceito!

#### **XV - CORRIGIDA**

Foi então que apareceu,  
De feia e enorme estatura,  
Um zelador de crianças:  
O Gigante Mão Segura.

O mensageiro do Cristo  
Explicou-lhe: Esta menina  
Necessita recolher-se  
Aos campos de disciplina.

Até que se regenere,  
Dê-lhe recursos de emenda.  
Praticou muita maldade,  
Precisa de corrigenda.

Nesse instante, Maricota  
Foi levada, em aflição,  
Para um campo escuro e triste  
De serviço e de prisão.

**Xavier, Francisco Cândido. Da obra: História de Maricota. Ditado pelo Espírito Casimiro Cunha.  
FEB - Federação Espírita Brasileira.**

**FIM**